

Ministro sorri e diz "não se preocupem"

A conversa do ministro Bresser Pereira com os jornalistas foi assim:

Pergunta — Sr. ministro: O senhor passou uma hora e meia com o diretor do FMI, Michel Camdessus. Qual foi o resultado desse longo encontro?

Bresser Pereira — Foi uma reunião para discutir o Plano Macroeconômico. Eles elogiaram o plano, disseram que parece bem feito, possível de realizar em 87. Queriam saber como faríamos em 88 para conseguir a redução para 2% do déficit público. Acharam que a política monetária e a política fiscal estão bem administradas. Acho que foi uma boa reunião. Expliquei também a eles que não pretendia fazer um acordo com o fundo neste momento. Que eu pretendia fazer antes um acordo com os bancos. Eles entenderam, disseram que não se oporão a isso, embora achem difícil que eu possa fazer o acordo com os bancos. Mas, se fizermos, ótimo.

— E o sr. acha mesmo que é possível?

"Eu acho que é possível, não vejo nenhuma razão para não fazer. Vamos agora desta reunião com mr. Baker, secretário do Tesouro. E a reunião também foi muito boa. Ele tam-

bém elogiou o plano. Está bem informado do plano. Quanto ao problema do FMI, disse que também não tinha nada a opor. Que ele achava importante que depois do acordo com os bancos, também pudesse haver um acordo com o FMI, para facilitar os acordos com o Clube de Paris. No começo deste ano, ele conseguiu um acordo do Clube de Paris sem o FMI, e que ele se envolveu pessoalmente, e que um mês depois o Brasil fez a moratória do pagamento de juros: ele ficou numa situação muito difícil."

— O sr. tem indicações de que o relatório do FMI será positivo?

"Tenho certeza de que será positivo."

— Qual a importância que este relatório positivo teria na negociação com os bancos?

"Não sei. Acho que será importante para os bancos. Os bancos respeitam o FMI e, portanto, um relatório positivo do FMI é bom para os bancos, é bom para o Brasil."

— O secretário James Baker não se opõe que o Brasil faça primeiro um acordo com os bancos?

"Eu confesso que estava receoso de que o governo norte-americano e o próprio FMI se opusessem forte-

mente a um acordo do Brasil com os bancos..."

— Como vinham fazendo...

"Não. Nós nem tentamos fazer acordo com os bancos, e portanto eles não vinham fazendo. Poderiam fazer. Eu tive a informação e a garantia, tanto de gente do FMI quanto, e o que é mais importante, do Tesouro americano, que isso não acontecerá, e que eles não têm nada a opor. Isso é importante. Vou esperar agora ter a mesma resposta do mister Volcker (Paul Volcker, presidente do Federal Reserve, o Banco Central americano). Se isto ocorrer, a coisa vai ficar mais fácil."

— Seria uma condição fazer um acordo com o FMI depois dos bancos?

"Não é condição. Estamos muito interessados em obter fundos dos japoneses, que têm US\$ 30 bi para emprestar e poderiam emprestar um bi por ano para o Brasil, pelo menos, e já deixaram muito claro que só com o apoio do FMI. Nós estamos interessados em resolver nossa situação com o Clube de Paris, ou seja: com todas as agências oficiais de crédito. E isso também só será viável com um acordo com o FMI."

— Os banqueiros em Nova York estarão mais acessíveis?

"A informação que me dão o Miliet e Fernão Bracher, que estiveram lá, é a de que este acordo é possível. Eu vou ter mais contato com banqueiros, e vamos ver se chegamos lá."

— Para fazer um acordo com o FMI, agora, seria necessário convencer a opinião pública.

"Mas nem quero. Não estou interessado em convencer a opinião pública brasileira de que devemos fazer um acordo com o FMI porque estou convencido de que não devemos. Acho que é preciso que mudemos um pouco a forma de controle da dívida e de renegociação da dívida. Para isso é fundamental que esta conexão entre bancos e o FMI seja diminuída."

— Foi discutida a questão da moratória?

"A idéia que estamos trazendo é a de que queremos eliminar a moratória. Claro. Queremos fazer o acordo com os bancos. Fazem o financiamento de juros, que são US\$ 7,4 bilhões, baixam os juros sobre a dívida principal, e garantem uma certa automaticidade nos financiamentos novos, que é fundamental que não

haja conexão com o FMI. E com base nisso saímos da moratória. Claro: não temos nenhum interesse em manter a moratória. Nos podemos manter a moratória porque temos reserva para isso, mas sairemos dela."

— O acordo com o Clube de Paris dependeria de um acordo com o FMI, pelo que está mais ou menos claro. E o sr. disse também que imaginaria fazer um acordo, se fizer, com o FMI, depois do acordo dos bancos. Uma questão de calendário: O acordo com o Clube deve ser discutido até 15 de setembro. A negociação com os bancos vai começar em setembro, como foi acertado ontem. Como é que fica, então?

"Calendários são revisáveis. Quer dizer: Queremos fazer o acordo. Mas não estamos afobados. Importante de entender é o seguinte: A Argentina, por exemplo, que tem esta conexão, veio aqui fazer o acordo porque estava com dificuldades, as reservas estavam acabando. Não é o caso do Brasil."

— O que o sr. tem em mente para 15 de setembro, com o Clube?

"Vamos lá conversar. Não sei ainda, não tem muita importância... Não se preocupem demais."